



MAURÍCIO
WALDMAN

Repensando a garrafa pet

Não há quem negue a condição da água enquanto líquido vital. Essencial sob qualquer ponto de vista, o acesso ao líquido foi alçado do status de prioridade no cotidiano global. Isso porque o avanço da aridez, ocorrendo de modo vertiginoso por todo o Planeta, acirrou cenários de escassez já renunciados nos anos 1970.

Na sequência, o mundo assistiu à decolagem do comércio de água potável. No que seria indicativo da potencialidade deste mercado, em 1970, o volume anual mundial de água engarrafada foi um bilhão de litros; antes do final desta década, eram 2,5 bilhões de litros; em fins dos anos 80, foram 7,5 bilhões; e em 2000, 84 bilhões de litros.

Assim, empossada do atributo de quesito indispensável do dia a dia, a água engarrafada tomou conta da paisagem global. Neste sentido, cabe menção obrigatória ao uso do plástico "PET" para a produção de garrafas. Ou mais precisamente, do Polietileno Tereftalato, material que compõe 90% do casco.

Parceiros de uma era sedenta, a imagem destes recipientes recorda o quanto o ato de beber foi transformado numa premência para os humanos. Logo, a onipresença da garrafa pet é de igual modo uma representação icônica da crise hídrica.

Ao mesmo tempo, a prodigiosa multiplicação das botelhas plásticas terminou por inseri-las numa complexa pauta com arrimo na economia dos materiais, na logística de gestão dos resíduos e na questão ambiental. Daí que se impõem ordens de grandeza associadas ao desempenho quantitativo e qualitativo da garrafa pet.

Note-se que o setor de transformados plásticos mundial processou 350 bilhões de garrafas pet em 2009. Isto é: o pet correspondeu neste ano a 4,2 vezes a produção total de plásticos de 10 anos antes. Outro dado matricial é que desde 2010, pondo um ponto final no reinado do vidro e da lata, a embalagem se tornou pela primeira vez o mais utilizado dos frascos.

Em paralelo ao vulto da produção de garrafas pet, firmou-se o monopólio da embalagem no comércio de água. Por exemplo, 65% do pet brasileiro são destinados para embalar água. Mais: não fosse suficiente o exibicionismo

da garrafinha pet na paisagem moderna, os óbices ambientais do frasco são manifestos. São eles:

- * Geração de enorme massa de refugos, oriundos da produção do pet e da debilidade das estratégias de recuperação dos recipientes;

- * Descartada, a garrafa pet pode perdurar um século no ambiente. Mesmo degradada, persevera como perigo pelos compostos hostis que libera na natureza;

- * Deixada ao léu, a garrafa é habitat de insetos perniciosos e fator para enchentes urbanas;

- * Emissão de GEEs (Gases de Efeito Estufa) para produzir pet e pelo comércio de água potável;

- * Outro viés é a instrumentalização da sucata pet como insumo dos incineradores de lixo. A aliança da indústria plástica com o cartel da incineração fomentou o fabrico de pet visando queimá-lo, trâmite altamente lesivo ao ambiente e à saúde humana.

- * Por fim, no que expõe uma lógica perversa, o custo hídrico de produzir garrafa pet desafia qualquer noção de sustentabilidade. Ironia das ironias: precisamos de quatro litros de água para confeccionar uma única garrafa plástica que contém um litro do líquido.

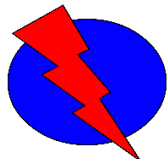
Do que foi exposto, seria meritório de ressaltar que a noção de sustentabilidade poderia trafegar com maior segurança em ensinamentos antigos. Vistos por alguns como "velhos", seriam, no entanto, bem mais modernos do que muitas práticas "novas".

Como bem exemplificam os reparos sobre a garrafa pet, a descartabilidade é irmã siamesa da crise hídrica. Assim, perdurabilidade pode muito bem significar conservação de recursos hídricos.

Nesta ótica, lembra o venerando ativista Lester Brown: ainda não foi criado nenhum recipiente mais versátil que garrafa retornável de vidro. Feita uma vez só para retornar sempre, higienizável e reutilizável "n" vezes, a boa e "velha" garrafa vítrea segue como a melhor opção para frascos.

Certo é que essa não seria a opinião da indústria petrolífera e seus aliados. Mas, quem ignora os interesses deste segmento verdadeiramente velho da economia? O que temos são novas demandas. Tempos para boas práticas, antigas e novas.

EDITORA KOTEV



Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados pela Editora Kotev. Acesso:

Plataforma Internacional Kobo:

<https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%ADcio+waldman%22&pageNumber=1>

